

MAURÍCIO TIZUMBA

Cantor, compositor, instrumentista, ator e capitão de Guarda de Moçambique, Maurício Tizumba tem a cara da heterogênea arte brasileira. Com quase 40 anos de carreira, o belo-horizontino parece ter conseguido encontrar a dosagem perfeita entre a irreverência, a valorização da cultura negra e de suas tradições e a atenção a assuntos de extrema importância para o Brasil nos dias de hoje. O artista, que cresceu em meio aos festejos e celebrações do Congado – por influência de parentes vindos do interior – preocupa-se em manter sua herança africana nos seus trabalhos, seja na música, na dança, no teatro, na TV ou no cinema, e em transmitir a importância desse legado a crianças, jovens e adultos. Em entrevista à RADAR MINAS, Tizumba fala sobre o desenvolvimento de seus projetos em prol da influência afro nas mais diversas formas de expressão artística e de sua luta pela ampliação do acesso à cultura em Minas Gerais.

RADAR MINAS: Conte-nos um pouco sobre sua trajetória e as principais influências que o levaram a ser o artista múltiplo que é hoje.

MAURÍCIO TIZUMBA: Iniciei minha carreira em 1972, tocando em bailes, depois em bares e, mais tarde, nas ruas, praças e teatros. Tornei-me múltiplo para poder sobreviver. Tipo assim: você canta? Claaaaro, canto. Você toca? Também. Você atua? Sim, adoro teatro e cinema. Enfim, faço de tudo para sobreviver com dignidade e sem medo de não focar meu trabalho em uma só atividade. Não acho que só quem foca em apenas uma coisa pode fazê-la melhor. Eu não foco, eu ataco (no bom sentido, é claro).

RM: Como ocorreu seu envolvimento com o congado? Que espaço tal celebração africana ocupa em sua vida e em seu trabalho?

MT: Eu nasci congadeiro. Aliás, gosto muito de todas as manifestações religiosas com raiz africana. O congado é meu porto seguro. Nele eu me encontro e me abasteço, buscando força no Rosário.

RM: Quais os principais desafios encontrados nos dias atuais para manter viva a valorização da influência afro na arte brasileira?

MT: É fazer com que todos tenham acesso ao ensino de forma igualitária e que as escolas e a mídia contem e recontem a verdadeira história do povo negro brasileiro.

RM: O curso Tambor Mineiro, criado por você, surgiu para resgatar a cultura e as tradições de Minas. Em que consiste essa iniciativa?

MT: O curso nasceu da demanda de leigos, artistas, estudantes e professores em busca de conhecimento sobre os tambores que são tocados em Minas. Por eu ter nascido artista, congadeiro e por me procurarem tanto para falar do assunto, resolvi realizar um pequeno curso de três meses em 2002, que dura até hoje.

RM: Como resultado do curso, foi criado o grupo Tambor Mineiro. De que forma avalia o trabalho desses músicos e a receptividade do público que assiste às apresentações?

MT: Estamos aprendendo a tocar juntos. O Tambor Mineiro ainda é um embrião. Estamos longe de ver o grupo tocando em todo o Brasil, mesmo porque ele tem caráter religioso e poderia perder muito de seu aspecto tradicional. Mas em qualquer lugar do mundo em que esse tambor for tocado, sempre terá alguém que goste.

RM: A Cia. Burlantins, criada em 1996, destaca-se por seus diversos espetáculos cênico-musicais. De que maneira o grupo contribui para a democratização da arte?

MT: Com muita vontade de fazer, eu, Regina Sousa e Marina Machado criamos a companhia com o objetivo de colocar a cultura dos musicais e das operetas na rua, democratizando o acesso à arte.

RM: Como as diversas crenças existentes na África e a típica mistura de culturas e etnias do Brasil estão retratadas nos espetáculos teatrais da companhia?

MT: A Cia. Burlantins sempre buscou o popular; trabalhamos com samba e choro, que são ritmos genuínos do Brasil e são música típica do povo negro que construiu esse país. Hoje, com a companhia sob minha direção, procuro avançar mais nos espetáculos que abordam questões raciais.

RM: De que forma espetáculos como “O Negro, A Flor e O Rosário”, roteirizados por você, contribuem para a formação de crianças e jovens na compreensão do papel e participação do negro na sociedade?

MT: A história do povo negro tem que ser contada e recontada. Essa peça é mais um instrumento para falar sobre o assunto e mostrar a resistência desse povo. Crianças, jovens e adultos só ficarão sabendo da história se ela for contada, com orgulho, nas escolas, nas ruas e em todo lugar.

RM: É perceptível em seu trabalho a luta pela ampliação do acesso à cultura, principalmente em Minas Gerais. Como avalia o cenário atual? É possível dizer que nosso Estado já avançou nesse sentido?

MT: Com certeza avançamos. O tempo passou e muita coisa melhorou. Mas ainda tem que melhorar muito, muito e muito.

RM: Pode-se dizer que ainda hoje há certa resistência do público em relação a temas como congado, candomblé e outros elementos da cultura negra?

MT: Claro que sim. O Brasil ainda é extremamente racista.

RM: Você já participou de eventos internacionais, nos quais teve a oportunidade de apresentar aspectos importantes da arte afro-brasileira. Como avalia a receptividade do público no exterior no tocante à cultura negra?

MT: A cultura negra pode até não ser bem recebida fora do país, mas em toda parte do mundo ela tem conseguido, aos poucos, quebrar o gelo e ocupar um lugar melhor na sociedade.

RM: Quais são seus projetos atuais como músico? Pode adiantar alguma novidade para os próximos meses?

MT: Começo a filmar "Helena", em julho; participo do 7º Festejo do Tambor Mineiro em agosto e faço apresentação do espetáculo "Os Saltimbancos" no Rio de Janeiro, em setembro.

RM: Acredita que o alcance da TV e do cinema possa proporcionar um resultado tão eficiente quanto o teatro para a divulgação e valorização da cultura negra? É possível dizer que essas mídias têm sido bem exploradas nesse sentido?

MT: Essa nossa mídia ainda tem muito que avançar. No entanto, quando se pensa em divulgação, a TV é tudo, pois ela tem um alcance maior que o cinema e o teatro.

RM: Você é considerado por muitos um artista completo, dono de uma arte multifacetada e de uma criatividade sem limites. Como Maurício Tizumba define a si mesmo?

MT: Sou multifacetado por "siviração", mas não sou completo. Se isso acontece, o artista perde a razão de existir, pois se completou, então acabou.

PRINCIPAIS TRABALHOS

• Discografia:

Marasmo - 1981

Caras e Caretas - 1991

África Gerais - 1996

Mozambique - 2003

Maurício Tizumba no Mercado - 2009

• Teatro:

- Os Saltimbancos

- Besouro Cordão de Ouro

- Grande Otelo - Êta moleque bamba

- A Turma do Pererê

- Opereta "À sombra do Sucesso" - Cia. Burlantins

- Opereta "O Homem que Sabia Português" - Cia. Burlantins

- O baile do menino Deus

- O Pastor do Espanto -

- Pianíssimo - Teatro da Cidade (Eleito melhor ator de 1995)

- Hollywood Bananas

- A Máquina Infernal

- Fez parte do grupo 'Os filhos da PUC'

- Cinema:

- Pequenas Histórias
- Vinho de Rosas
- Os Narradores de Javé
- Uma Onda no Ar
- Final Feliz
- Samba Canção
- Batuque
- Que Coso
- Batismo de SangUe
- Filmes que não fiz
- Eu sou assim - Wilson Batista

- Televisão:

- Especial de Natal "Programa da Xuxa" TV Globo
- Programa "Ô Coitado" SBT
- Programa "Arrumação" TV Alterosa
- Minisérie "Rosa dos Rumos" TV Manchete
- Programa do "Radic Lândia" TV Vila Rica
- Programas "Roda Gigante" e "Astros do Futuro" TV Itacolomi/BH